

## Greve Geral: Para 14 de junho, a luta unificou

Por Thayse Madella

Ato chamado pelas centrais sindicais busca mobilizar diversas categorias contra a proposta da reforma da previdência.

Após dois dias de grandes mobilizações pelo país (15 e 30 de maio) em favor da educação, o próximo dia marcado para ir às ruas é 14 de junho. Diversas centrais sindicais convocaram a greve geral de sexta-feira, 14, em um ato unificado em que, entre as bandeiras de luta, estão o repúdio à atual proposta da reforma da previdência, defendida pelo atual governo federal, e o contingenciamento orçamentário em áreas como a educação e a saúde. Os atos ocorrerão em diversas cidades brasileiras, cada local com uma programação específica.

Na UFSC, a definição da agenda para o dia 14 ainda depende das assembleias de cada categoria (estudantes, técnico-administrativos e professores) e de reuniões da comissão unificada de greve, com representantes dos grupos envolvidos na luta. O que já se pode garantir, como parte da agenda, é a presença da UFSC na unificação da luta, junto com trabalhadores de outras categorias. Como esta é uma luta que deve ser construída a partir das bases, é importante que grupos, nos cursos, departamentos, centros, pós-graduações, centros acadêmicos façam reuniões e deliberem sobre posicionamentos e sugestões a serem levados para as assembleias representativas, de forma que a construção do movimento possa ouvir e dialogar com o maior número de pessoas possíveis.

Os dois dias de mobilização, que levaram milhares de pessoas às ruas no mês de maio, buscavam chamar os estudantes e trabalhadores da educação para o grande ato de 14 de junho. Além de organizar as bases de diversas categorias ligadas à educação para a greve geral, o contingenciamento imposto pelo ministro Abraham Weintraub, do MEC, foi um dos principais motivos para a realização dos atos. Com contingenciamento de cerca de 30% do

orçamento discricionário, o funcionamento das universidades e institutos federais, a partir do segundo semestre, fica ameaçado. Contrariando a falácia divulgada pelo ministro de que esses cortes possibilitariam maior investimento na educação básica, os trabalhadores dessa categoria e estudantes secundaristas se unem à luta. A preocupação desses grupos está no fato de que recursos advindos do governo federal pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb) também sofreram cortes e diminuição nos repasses para os estados e municípios, órgãos responsáveis pela educação básica. Dessa forma, não só os investimentos cortados das universidades não são repassados para outros níveis do ensino, como estes também sofrem contingenciamento. Por isso, na contínua busca por uma educação gratuita e de qualidade, em todos os níveis de ensino, que professores e estudantes se unem à greve geral.



Organização da edição:

Thayse Madella e Bruno de Azevedo

## 15 de maio: “não vai ter corte, vai ter luta”

Por Maria Carolina Pereira Muller



A nossa luta unificou, é estudante junto com trabalhador. Crédito: APG-UFSC



A luta de todo dia, educação não é mercadoria. Crédito: Daniel Reschke

No dia 15 de maio de 2019, alunos e professores foram para as ruas empunhando uma das armas mais resistentes que um cidadão pode adquirir: a educação. Segundo a União Nacional dos Estudantes, a UNE, a estimativa é de que cerca de 1,5 milhão de pessoas esculpíram o que foi chamado de Dia Nacional em defesa da Educação. Alguns veículos da imprensa dizem que a mobilização foi a maior desde a redemocratização do país em 1985 (nossa Constituição data de 1988).

No Decreto nº 9.741 de 19 de março de 2019, consta um corte de R\$ 5,8 bilhões de reais na Educação. O governo prefere se dirigir aos cortes como contingenciamento, o que para mim soa mais como um eufemismo; uma manobra política clássica na tentativa de acalmar os ânimos, algo do tipo “não é tão ruim assim”. Realmente, não é. É péssimo.

Florianópolis não poderia ficar de fora das mais de 200 cidades brasileiras que entoaram em coro uníssono “não vai ter corte, vai ter luta” no dia 15 de maio. Na cidade, assembleias com a participação de estudantes, TAEs e docentes, foram organizadas previamente para discutir questões logísticas, como, por exemplo, a rota da mobilização, e vídeos foram produzidos pelos alunos da Pós-Graduação do Inglês com o intuito de externar a



Estudantes e profissionais da educação de todos os níveis se unem.

Crédito: Maria Carolina Pereira Muller

relevância social das pesquisas em andamento. Na Universidade Federal de Santa Catarina, os estudantes da PPGI aderiram a concentração em frente a Reitoria segurando cartazes com dizeres: “UFSC Resiste: não ao desmonte”, “Universidade pública e gratuita”, “Não aos cortes!”, entre outros. A saída se deu por volta das 13 horas e seguiu pela Avenida Henrique da Silva Fontes, passando pela Beira-mar Norte, rumo ao centro da cidade. A Catedral Metropolitana de Florianópolis mais uma vez acolheu, como palco principal, os manifestantes em prol da Educação. Digo mais uma vez acolheu, porque a Catedral não é caloura em ser anfitriã de nossas lutas. Como não lembrar da Novembrada que completa 40 anos no próximo 30 de novembro? Tenho certeza que o então presidente, general João Figueiredo, nunca esqueceu a manifestação do movimento estudantil florianopolitano da época.

No 15 de maio de 2019, o “pedacinho de terra perdido no mar” viu a força da tsunami da educação. De forma pacífica, a manifestação foi tomando força durante o percurso e reuniu diversas faixas etárias. Eram estudantes do ensino fundamental, passando pelo ensino médio, graduação, pós-graduação, professores e pessoas que se sensibilizam com a causa.

Enquanto o governo subestimar nossa força como unidade, vai continuar sendo assim: todos na rua pelo direito à educação. Afinal, a gente só solta a mão de alguém, se for pra segurar um livro.



Discentes da PPGI se unem na luta pela educação. Crédito: Daniel Reschke



Nas ruas, nas praças, quem disse que sumiu? Aqui está presente o movimento estudantil.

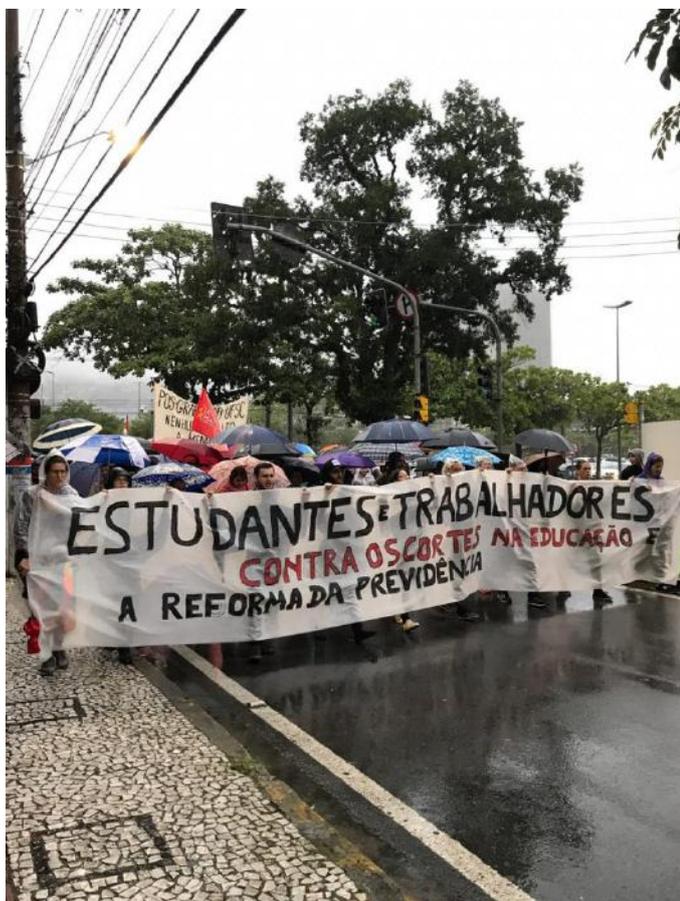


Depois de chegar na Praça XV, a mobilização vinda da UFSC se junta para uma marcha pelo centro.

## 30M: Mesmo debaixo de chuva, manifestantes não decepcionam em Floripa

Por Ana Flávia Boeing Marcelino e Natália Alves

Assim como aconteceu no dia 15 de maio, estudantes e trabalhadores marcham em defesa da educação

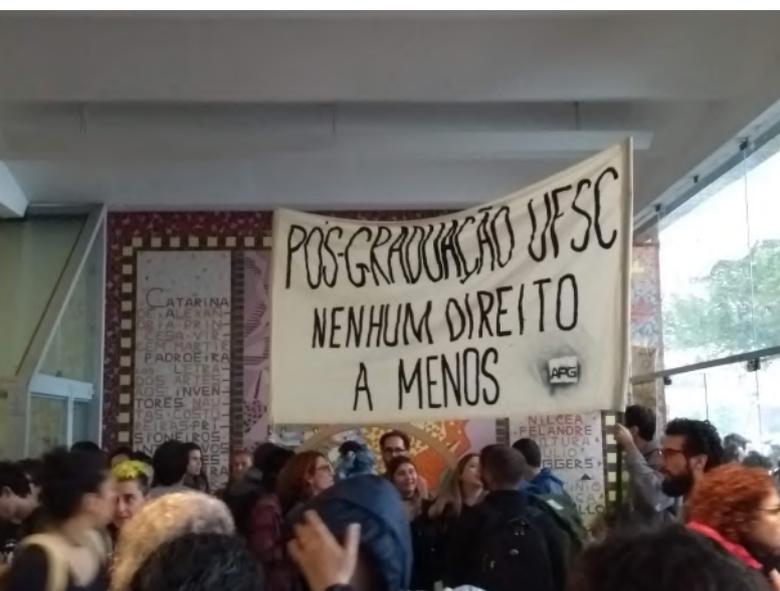


De baixo de chuva ou de trovão, assim os estudantes defendem a educação. Crédito: APG-UFSC

No dia 30 de maio, estudantes, professores e servidores da educação foram às ruas em todo o Brasil para a segunda manifestação em protesto contra os cortes de 30% do orçamento de instituições federais de ensino.

Na UFSC, a primeira concentração do dia foi no hall da reitoria, local escolhido para o início das atividades devido ao mau tempo. Por volta das 12:30 uma assembleia deu início ao ato. Uma apresentação teatral abriu a assembleia com críticas aos cortes na educação e o projeto da Reforma da Previdência, e também ao presidente da república.

Após a apresentação, representantes dos servidores, dos alunos de graduação e pós-graduação, professores e representantes das centrais sindicais falaram sobre a importância deste ato e lembraram as manifestações do dia 15 de maio, assim como também convocaram os presentes para a greve geral do dia 14 de junho. Muitas das falas nesta assembleia destacaram como cortes na educação afetarão as



Assembleia unificada da UFSC debate ato no centro e greve geral de 14 de junho. Crédito: Thayse Madella



Ato finaliza em frente à catedral, após marcha pelo centro. Crédito:Thayse Madella

classes mais pobres que estão na universidade; além do Hospital Universitário que também será prejudicado, afetando não só a comunidade acadêmica da UFSC, mas todo o estado de Santa Catarina.

Infelizmente, devido ao mau tempo na capital, a assembleia decidiu que os manifestantes não sairiam em marcha da UFSC, como aconteceu no 15M, mas se encontrariam no centro de Florianópolis. Assim, a segunda assembleia do dia começou às 16h, na Praça Tancredo Neves, já no centro de Florianópolis, juntamente com profissionais e estudantes de outras instituições de ensino, onde houve uma última reunião dos manifestantes antes da passeata. Após a concentração, a passeata começou, com um caminhão de som que puxou a manifestação por todo o trajeto, que passou pelo Terminal Urbano Cidade de Florianópolis, pela catedral em frente à praça XV, pela Rua Tenente Silveira e pela Avenida Paulo Fontes, em frente ao TICEN, antes de retornar à Praça XV.

Apesar da apreensão com a possível falta de adesão de manifestantes, chamou a atenção a garra dos manifestantes que debaixo de chuva e sob vento frio, mesmo assim, não desistiram de lutar pelos seus direitos. Muitos guarda-chuvas e capas de chuva ocupavam as ruas do centro de Florianópolis. Foram mais de 10 mil pessoas, mais uma vez na defesa do ensino público, gratuito e de qualidade.



Guarda-chuvas em marcha pela educação, porque a luta não para.

Crédito: Bruno de Azevedo



Capas e guarda-chuvas se unem a discentes da PGI na mobilização.



Marcha com guarda-chuvas pelas ruas de Florianópolis. Crédito:

Daniel Reschke

## O (des)governo e seu constante interesse em fabricar corpos dóceis

Por José Augusto Simões de Miranda

A educação brasileira atravessa uma enorme crise com acontecimentos sucessivos e danosos por motivos ideológicos. No mês de abril, o governo afirmou que reduziria os investimentos nos cursos de Filosofia e Sociologia, devido a um não “retorno imediato e concreto” ao contribuinte. Na semana seguinte, o Ministério da Educação anunciou cortes de 30% em despesas discricionárias – água, luz, terceirizados, obras, equipamentos, etc -, inicialmente em três universidades brasileiras e, em seguida, os mesmos cortes seriam efetuados em todas as universidades e institutos federais. Posteriormente, várias bolsas de estudos de programas de pós-graduação stricto sensu, da agência de fomento a pesquisas CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - foram congeladas por serem caracterizadas “ociosas”, gerando prejuízos para diversos estudantes e pesquisas científicas.

O Ministro da Educação, que inicialmente alegou que o motivo dos cortes nas universidades seria em função de “balbúrdia”, não deu absolutamente nenhuma explicação técnica. Ou seja, de acordo com ele, as universidades são ambientes de doutrinação ideológica e segundo o presidente da república, pessoas que fazem parte dela são “idiotas úteis e imbecis”. Dessa forma, é possível perceber que membros do governo - no mínimo - ignoram a pasta mais importante e mais atingida em cortes – que é a educação.

A universidade é um ambiente de interação social e reflexão crítica, em que a pluralidade de ideias e pensamentos divergentes é incentivada. E isso é educar para a coletividade, no sentido de uma educação cuja ideologia seja a de construir um espaço social mais democrático, que estabilize o poder entre o todo. Assim sendo, cidadãos estarão mais preparados para obter a libertação daquilo que tentam lhe impor - mediados por discursos fabricados e autoritários. Naturalmente, isso é preocupante para um governo constituído por ideólogos reacionários, e o que resta é a força, com tentativas de “punições” a uma esfera crítica da sociedade, como já vimos comumente

em diversos regimes ditatoriais ao longo da história. Por conseguinte, ideias preconcebidas, estereótipos e preconceitos, são constantemente empenhados para que sejam aplicados.

É importante salientar que, muitas vezes, indivíduos necessitam de um líder numa posição defronte do combate como pretexto para salvá-los do “mal” que determinados grupos podem causá-los. Sentem-se confortáveis no papel de submissos, procuram um salvador porque se encolhem no papel de vítimas. Ao desistirem de salvarem-se a si mesmos através do conhecimento, da educação e de um olhar complexo ao próximo - ao mundo -, depositam esse fardo a qualquer um que grite mais alto com discursos mal-arranjados. Vimos vários exemplos desses indivíduos nas ruas no domingo, dia 26/06.

Com relação ao atual cenário político e social no Brasil, convido leitores/leitoras a refletir sobre diferentes correntes filosóficas e suas relações com esse trágico panorama que estamos vivenciando. Em seu livro “Ideologias e Ciência Social”, o sociólogo Michael Löwy destaca importantes movimentos, dentre eles o Positivismo e o Marxismo. Ele aponta que o positivismo está inserido em uma tentativa de “neutralidade” de classes dominantes sobre classes dominadas. O escritor lembra que não há como ter neutralidade em questões ideológicas, pois mesmo que não nos posicionemos diante de determinada ocorrência, por exemplo, já estamos deixando de ser neutros, ou seja, aceitando passivamente o status quo, ao invés de questioná-lo e buscar uma transformação.

Karl Marx também aponta problemas diante desse movimento, que defende uma pseudoneutralidade, considerando natural que determinadas classes sejam dominantes e outras dominadas. Marx foi altamente engajado em lutas de classes para uma transformação de mundo, numa perspectiva humanizadora e diversos autores/autoras que, de alguma forma, estão comprometidos com essa causa, buscam, da mesma maneira, uma igualdade de direitos e valorização entre indivíduos, a fim de que uma ordem social democrática e humanista prevaleça.

Outro exemplo significativo foi o educador Paulo Freire – intelectual reconhecido internacionalmente –, que também aponta sobre a necessidade de uma transformação através de investigadores críticos em seu ato cognoscente. Em seu livro “Pedagogia do oprimido”, ele usa o termo “educação bancária” para referir-se a uma educação conteudista, mecanizada, estimulando a ingenuidade e não a criticidade.

Em “Vigiar e Punir”, Michel Foucault usa o termo “corpos dóceis” para se referir a utilidade versus obediência de um indivíduo. Em outras palavras, o escritor e filósofo afirma que a disciplina coercitiva fabrica corpos submissos (ou dóceis) em termos econômicos de utilidade e, paradoxalmente, diminui suas forças e energias para a criticidade. Dessa forma, os comportamentos estritos desses corpos satisfazem os interesses de ideólogos intolerantes, que oprimem, cerceiam, humilham uma classe dominada, refletida em diferentes tipos de minorias – étnicas, raciais, sexuais, etc, a fim de que suas bocas sejam amordaçadas.

Por fim, há uma passagem do historiador e escritor do livro “Zona Autônoma Temporária” - Hakim Bey - que nos convida a refletir sobre o pensamento independente e autônomo. “Estamos nós, que vivemos no presente, condenados a nunca experimentar a autonomia, nunca pisarmos, nem que seja por um momento sequer, num pedaço de terra governado apenas pela liberdade? Estamos reduzidos a sentir nostalgia pelo passado, ou pelo futuro? Devemos esperar até que o mundo inteiro esteja livre do controle político para que pelo menos um de nós possa afirmar que sabe o que é ser livre? Dizer ‘só serei livre quando todos os seres humanos - ou todas as criaturas sensíveis - forem livres’, é simplesmente enfurnar-se numa espécie de estupor de nirvana, abdicar da nossa própria humanidade, definirmo-nos como fracassados”.

Que possamos, portando, todos e todas nos curar dessa aparente cegueira em massa.

## UFAL, IFAL e escolas da rede pública de Alagoas resistem

Por Marília Leite

No último 15 de maio eu estava em Maceió, minha cidade. Foi uma feliz coincidência poder participar das manifestações lá. Desde às 8h, as pessoas já começavam a se reunir no Centro Educacional de Pesquisas Aplicadas (CEPA), em um dos bairros centrais, cortado pela principal via da cidade. Bandeiras (muitas bandeiras) de sindicatos e partidos chegavam, junto a uma profusão de cartazes, enquanto no microfone o sindicato dos professores estaduais ensaiava as palavras de ordem. Os rostos familiares começavam a aparecer, assim como os sorrisos e abraços.

Por volta das 10h nos organizávamos para ocupar as duas faixas da Fernandes Lima sentido Centro. O sol do nordeste definitivamente já tinha chegado. Éramos muitos e eu me surpreendia com a quantidade de pessoas que continuava a sair do CEPA. As estimativas apontam mais de 10 mil pessoas presentes no ato. Do início ao fim da caminhada, que contava com três carros de som, ouvíamos os relatos de colegas estudantes, de militantes dos movimentos sociais, de professores e de líderes de tantos sindicatos que em algum momento eu perdi as contas. Os sindicatos ofereciam seu apoio e compreendiam a exata importância de estarmos todos ali.

Alinhado com as manifestações em todo o país, o 15M em Maceió foi fortalecido pela pauta que une estudantes e trabalhadores: a luta contra a reforma da previdência, e enquanto percorríamos as ruas do Centro, fazíamos os chamados para a Greve Geral do dia 14 de junho. A caminhada terminou na Praça dos Martírios, no coração do centro da cidade, e deu lugar à Feira de Ciências aberta, organizada pelos alunos da Ufal e do Ifal para expor os trabalhos de extensão que realizam.

Eu, que durante a graduação fui petiana, fiquei orgulhosa ao ver que os grupos PET da Ufal estavam representados com fardas e banners na Feira de Ciências. Foi pelo Programa de Educação Tutorial de Letras da UFAL que dei de aulas no projeto de extensão PAESPE, um cursinho preparatório para alunos das escolas públicas de Alagoas. No PAESPE contribuí na formação de uma aluna que mais tarde encontrei na sala PET Letras. Ela havia passado no vestibular e escolhido ser também petiana. Assim percebi na prática a importância do meu trabalho, dos nossos trabalhos como professores. É por isso que nossos corpos estão mobilizados para proteger a educação e produzir futuros, lutando para que a UFAL, a UFSC, a Universidade pública siga viva para os que vêm depois.

## Além das ruas: a mobilização dos alunos do PPGI nas redes sociais

por Jéssica K. Molgero Da Rós

Durante os preparativos para o dia 15M, os alunos do Programa de Pós-Graduação em Inglês (PPGI) se articularam para que a mobilização fosse além do campus e do centro da cidade, chegando também nas telas de celulares e computadores em forma de um compilado de relatos sobre a importância das pesquisas realizadas no programa. Cientes do papel das redes sociais no cenário político atual e diante da necessidade de mostrar à comunidade o que de fato é feito na Universidade, mestrandos(as) e doutorandos(as) produziram pequenos vídeos nos quais além de falar sobre o PPGI, também relatam sua trajetória na UFSC, explicam suas pesquisas e quais são suas contribuições para a sociedade.

Para a divulgação e compartilhamento do vídeo nas redes sociais e aplicativos de mensagens, foram escolhidas algumas hashtags que representam o sentimento dos estudantes sobre os cortes na educação, entre elas estão #eudefendoaeducacaopublica, #minhapesquisacapes e #orgulhodeserufsc. As hashtags utilizadas complementam as palavras da aluna de mestrado Luana Helena ao afirmar, em sua fala, que “investir na educação é investir no ensino de línguas, na pesquisa, e também em uma sociedade mais respeitável”.

Nas pesquisas mencionadas pelos alunos, destacam-se temas como o ensino de Português para imigrantes e refugiados, representação da sexualidade feminina, representação racial, formação de professores, narrativas de mulheres negras, cinema latino-americano, literaturas de fronteira, masculinidade no teatro Irlandês, processamento de frases através do rastreamento do movimento dos olhos, e o estudo e desenvolvimento de aplicativos para o ensino de inglês. É importante lembrar que estas são apenas algumas das pesquisas em andamento no programa, que é composto por duas áreas de concentração: os estudos da linguagem e os estudos literários e culturais.

No vídeo, a aluna de doutorado Thayse Madella destaca a importância de ser professora de cursos de inglês, pois isso a torna “professora de

professores”. Investir em pesquisas como as mencionadas no vídeo é investir não só nos trabalhos que mestrandos(as) e doutorandos(as) conduzem, mas também investir na educação superior e na educação básica, que são aperfeiçoadas por estas pesquisas. Para a aluna de mestrado, e professora do curso extracurricular, Jéssica Lopes “língua e linguagem são pontes entre as pessoas” e por isso é imprescindível que haja investimento e reconhecimento das pesquisas que são conduzidas nestas áreas de conhecimento.

O compilado dos relatos pode ser encontrado no Youtube pelo nome “Alunxs da Pós-Graduação em Inglês da UFSC falam sobre a importância das suas pesquisas” ou pode ser acessado pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=LmCbH4vKM5g&feature=youtu.be>. Assista ao nosso vídeo, compartilhe e, se possível, faça você também seu relato sobre a importância da sua pesquisa.

### Creative Corner

#### Quando nada importa mais

por Olegario da Costa Maya Neto

Queria ser muitos para  
Fazer tudo que importa  
Fazer tudo sem olvidar  
Nada, pois tudo importa

A roupa por lavar, os livros  
Por ler, a tese por escrever,  
O concurso por fazer, as provas  
Por corrigir. Tudo importa  
Nada importa diante do convite  
Aberto pelo poema por escrever  
A rua por tomar

Contemplo a calma antes  
Da tempestade e deixo tudo  
Que importa por algo que importa  
Ainda mais agora: escrever  
Minha própria história